

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Francisca das Chagas de Souza
Luzenira Duarte de Sousa

Leitura e Escrita na Escola: Ainda um desafio

CAJAZEIRAS-PB
2004

Francisca das Chagas de Souza
Luzenira Duarte de Sousa

Leitura e Escrita na Escola: Ainda um desafio

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP/UFCG, como requisito para aprovação na disciplina Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar, sob a orientação da professora Elzanir dos Santos

CAJAZEIRAS-PB
2004



S7291 Souza, Francisca das Chagas de.
Leitura e escrita na escola: ainda um desafio /
Francisca das Chagas de Souza; Luzenira Duarte de Sousa. -
65f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2004.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita-ensino. 2. Prática de ensino-
leitura e escrita. I. Sousa, Luzenira Duarte de. II.
Santos, Elzanir dos. III. Universidade Federal de Campina
Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.016:003-028.31

Pensamentos

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com outros homens relações de reciprocidade, fazer cultura e história.

Paulo Freire

A educação baseada na ciência e na tecnologia, tão importante na história da humanidade, não foi capaz de responder ao anseio maior do homem: a paz interior e a verdadeira felicidade.

Costa

O maior trabalho de um mestre não é fornecer respostas, mas estimular seus alunos a desenvolver a arte de pensar. Todavia, não há como estimulá-los a pensar se não aprenderem sistematicamente a perguntar e duvidar.

Cury

No processo da Educação, os esforços dos educadores serão sempre irrealizados, porque a verdadeira Educação é uma forma perfeita, a qual nunca atingiremos.

Jales

Agradecimentos

A Deus o maior dos cientistas e artista do universo; Senhor Supremo de toda a sabedoria.

Aos nossos familiares, que são o alicerce para tudo que hoje somos.

À Universidade Federal de Campina Grande e colegas do Curso de Pedagogia, pelo incentivo à qualificação.

Às bibliotecárias, pela responsabilidade no atendimento.

Aos mestres que compartilharam os seus saberes e que muito nos deixou de aprendizado.

Aos professores que participaram do estágio, obrigada pela contribuição.

A Direção da Escola Municipal Acadêmico Francisco Vidal de Moura, pela acolhida para a realização dos estágios.

A professora Elsanir dos Santos, orientadora, que mesmo discordando dos nossos textos permitiu sua existência.

A professora Maria de Lourdes Campos, pelo carinho e a compreensão em momentos difíceis durante o período que estivemos com ela.

Ao professor Doutor Dorgival Gonçalves Fernandes que mesmo sendo um grande intelectual, sempre soube reconhecer os valores do ser humano.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que pudéssemos concluir o nosso trabalho.

O nosso muito obrigado.

Dedicatória I

A Deus, por ter me permitido vivenciar esta experiência, nos caminhos da Escola de nível Superior.

A meus pais Antonio Enéas e Maria Ferreira, que sempre souberam me incentivar e encaminhar nos caminhos do bem viver.

A meu esposo Vidal, que soube compreender minhas ausências e partilhar as minhas dificuldades.

Aos meus filhos, Renault, Francisco e Vicente, razão de ser de tudo que hoje busco fazer.

A todos os meus irmãos, meus amigos nos caminhos da vida.

A minha irmã Ivanilda, companheira desde criança, a qual construímos um laço forte de amizade e partilha.

Aos meus irmãos e amigos Dr. Zé Antonio e a mestra Genilda Maria Sabino, pela colaboração e incentivo durante o curso.

A Gilvanete Ramos, por ter cuidado e zelado da minha casa durante todo o tempo do curso.

A minha amiga Lucimar Batista, por ter sido uma grande companheira e colaboradora nas horas difíceis que passei durante este período.

A Gilvaneide Ramos, pela sua delicadeza e ajuda com as crianças que lecionei durante este curso.

A Josefa Cipriano (Tozinha) que foi meu objeto de inspiração na redação para o ingresso na Universidade.

A minha companheira de curso Luzenira, pelo companheirismo, o compromisso, a seriedade e a responsabilidade com as tarefas, sempre que precisamos nos reunir para estudar.

Aos meus alunos e pais, pelas vezes que compreenderam minhas ausências durante o curso.

A Demakson, Valderês e Nicota, pelas vezes que colaboraram comigo nas minhas necessidades durante o curso.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para o meu êxito, minha eterna gratidão.

Ao grande amigo Deus, razão do meu existir, por ter me permitido chegar até o fim de curso. Meu muito obrigado. Que esteja sempre comigo e com que caminhar por estas páginas...

Francisca das Chagas .

Dedicatória II

A Deus, pois sem ele nada podemos fazer.

A meus pais Luiz Duarte e Maria Paulino, que sempre souberam me incentivar e me serviram de exemplo, pela sua força e coragem na superação de momentos difíceis.

A meus irmãos, que mais que irmãos são meus incentivadores e grandes amigos.

A minha verdadeira amiga Maria Rita da Silva, por estar do meu lado tanto nos momentos bons, como nos mais difíceis da minha vida, e acima de tudo, por estar sempre me mostrando o verdadeiro caminho para a realização pessoal, meu respeito e admiração.

A Francisca das Chagas de Souza, que no decorrer do curso me ensinou que o respeito e a dignidade são valores que devem ser cultivados, e antes de tudo por ser uma amiga dedicada e responsável que é, minha profunda admiração.

A Lucicleide Duarte de Sousa, por ter despertado em mim o interesse por um curso superior.

A Laura Beta Duarte, pelo apoio financeiro e por acreditar em mim.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Luzenira Duarte

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. LEITURA E ESCRITA: DIFICULDADES E ASPECTOS METODOLÓGICOS ...	12
2.1. A PRÁTICA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NAS ESCOLAS	21
2.2. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES PARA A MELHORIA NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA	27
3. METODOLOGIA	31
4. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA.....	34
4.1. COMO OS PROFESSORES ENTENDEM E VIVENCIAM A LEITURA E A ESCRITA NO COTIDIANO ESCOLAR	34
4.2. REFLEXÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA	47
5. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS	60
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	

1. Introdução

Frente a realidade das escolas públicas, e em particular da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura, localizada na cidade de Serra Grande - Paraíba, percebemos inúmeras dificuldades, sobretudo nos aspectos referentes à leitura e à escrita.

Essa observação se deu através de encontros com professoras da referida escola, quando através de questionário e conversas informais, identificamos que as docentes enfrentam enormes dificuldades em relação ao ensino da leitura e da escrita.

Assim, buscamos identificar e analisar com maior profundidade as dificuldades das professoras no processo de ensino da leitura e da escrita na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura. A partir de então formulamos como questão central: Por que os professores sentem dificuldades para trabalhar a leitura e a escrita nas séries iniciais de ensino fundamental?

Partimos da suposição de que as dificuldades que as professoras enfrentam em relação ao ensino da leitura e da escrita podem estar vinculadas a falta de incentivo dos pais, pouco interesse dos alunos, turmas numerosas, como também a má formação do professor. Acreditamos, ainda, na necessidade dos professores também gostarem de ler, para só então, despertarem em seus alunos o interesse para a leitura e escrita.

Assim, pretendemos também verificar se as professoras têm hábito de ler e escrever, bem como identificar a concepção que eles têm sobre a leitura e escrita.

Optamos pelo tema leitura e escrita, pela sua relevância social e cultural, uma vez que constitui um processo de vital importância na construção de sujeitos críticos e autônomos para atuar na vida pública e, conseqüentemente, por ampliar os conhecimentos, e a escrita como organizadora das informações a fim de gerar conhecimentos, desenvolvendo pensamento lógico e acima de tudo, por termos interesse especial em desenvolvermos uma proposta de trabalho que possibilitasse uma reflexão sobre o tema de modo a contribuirmos de alguma forma para redimensionamento de práticas de ensino da leitura e escrita.

Sendo assim, esperamos com este estudo identificar o que está dificultando o trabalho docente em relação ao ensino da leitura e da escrita, e desta forma contribuir com a reflexão sobre o tema.

Este trabalho está dividido em quatro partes: no primeiro capítulo, intitulado como "Leitura e escrita: dificuldades e aspectos metodológicos" são traçadas as bases teóricas deste estudo, abordando a prática do ensino da leitura e da escrita nas escolas, adentrando em propostas metodológicas para o referido ensino. A segunda parte do nosso trabalho refere-se a metodologia que apresenta, o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de informações, os sujeitos do estudo e o espaço onde aconteceu o estudo. O terceiro capítulo intitulado "A concepção dos professores sobre leitura e escrita", mostra, no primeiro momento, a análise dos dados coletados através do questionário aplicado junto as professoras, relativos à maneira como elas

desenvolvem as atividades relacionadas à leitura e à escrita. O segundo momento relata o resultado do Estágio Supervisionado, e é intitulado: Reflexões sobre a leitura e a escrita. No quarto capítulo apontamos as considerações provisórias sobre todo o nosso estudo.

2. Leitura e Escrita: Dificuldades e Aspectos Metodológicos

A temática leitura e escrita vêm sendo bastante discutidas por vários autores. Dentre os quais destacamos SILVA (1981); KRAMER (1986); MARTINS (1994); FERREIRO (1995); BOFF (1997); CAGLIARI (1997); DALLA ZEN (1997); OLIVEIRA (1997); KLEIMAN (1998); SOARES (1998); SILVA e ZILBERMAN (1998); ORLANDI (1998); FERREIRO e TEBEROSKY (1999); AQUINO (2000); PÉREZ E GARCIA (2001); GOMES (2002); BENCINI (2003); TEBEROSKY e COLOMER (2003).

De acordo com Ferreiro (1997, p. 17):

A lectoescrita tem ocupado lugar de destaque na preocupação dos educadores. Porém, apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprende. Juntamente com o cálculo elementar a lectoescrita se constitui em um dos objetivos da instrução básica, e sua aprendizagem, condição de sucesso ou fracasso escolar.

Nesse sentido, percebemos que a leitura e a escrita tem sido foco de preocupação em nossas escolas. Porém, para que a lectoescrita se torne objeto de aprendizagem é imprescindível que faça sentido aos alunos, ou seja, a leitura e a escrita devam responder a um motivo de realização imediata, impedindo assim, de se tornar fator real do fracasso escolar de muitas crianças que freqüentam a escola. A

escola, segundo Oliveira (1997, p. 69): *“Continuam, assim, a serviço de um projeto que, pela via do fracasso escolar, expropria da população do direito de ler e escrever.”*

Segundo Cagliari (1997, p. 96):

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança, no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta.

Nesta perspectiva entendemos que os professores de alfabetização devam ser bem preparados, atualizados e dinâmicos, de forma que tenham um bom embasamento teórico a respeito da natureza da escrita, seu funcionamento e suas diversas formas e situações de uso. É necessário também que os professores se preocupem com as formas gráficas da escrita.

A história da escrita caracteriza-se em três diferentes fases: A pictórica - representada através de desenhos ou pictogramas, são representações simplificadas dos objetos da realidade. A ideográfica - escritos através de desenhos denominados ideogramas. A partir desta fase foi que surgiram as letras do alfabeto. E por fim a fase alfabética representada através das letras.

A respeito da importância da escrita Cagliari faz uma importante colocação (1997, p. 112):

A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política e cultural. A invenção do livro e sobretudo da imprensa são grandes marcos da História da humanidade, depois é claro, da própria invenção da escrita.

Assim, é de fundamental importância explicarmos as crianças desde cedo as diferentes formas de se escrever as letras, o que é escrita, de forma saudável e não como imposição, através de exercícios meramente mecânicos, impostos às crianças que não tem a mínima idéia qual a finalidade destes exercícios, apenas praticam.

De acordo com Cagliari (1997, p. 101):

(...) alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, de passatempo.

Neste contexto, observa-se a necessidade da escola em investigar os anseios dos alunos em relação a escrita, o que eles esperam ao aprender a escrever, para que sejam realizadas adequadamente as atividades da escrita em sala de aula. Só assim faz-se uma aprendizagem motivada. Aprender a escrever na escola deve ser uma tarefa que interesse ao aluno, ou seja, uma tarefa que seja considerada útil e necessária para a demanda escolar.

Concordamos com Cagliari quando diz (1997, p. 122):

Conhecendo as letras e algumas sílabas, as crianças podem ser desafiadas a escrever algumas palavras que, colecionadas num caderno ou recortadas e guardadas numa caixa, formarão um rico material para a troca de experiência entre os alunos, possibilitando-lhes descobertas, num momento de jogo, como o "bingo de palavras", por exemplo.

O professor precisa ser dinâmico no processo de ensino da escrita, é fundamental que o aluno tenha contato com todas as letras do alfabeto para que ele tenha uma aprendizagem mais rápida. Essa troca de conhecimentos entre os alunos é fundamental a iniciação à escrita. Conhecendo as letras do alfabeto ela terá facilidade e motivação para ir mais além em relação à escrita.

O aluno ao aprender as palavras do alfabeto, algumas sílabas, deverá ser estimulado pelo professor a iniciação de pequenos textos para isso é necessário que o professor deixe o aluno produzir espontaneamente, como também não dar atenção aos erros de ortografia uma vez que com o tempo estes erros vão sendo autocorrigidos por ele. Vejamos o que diz Cagliari a respeito disso (1997, p. 124):

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se auto corrigir com relação à ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita. Essa é a melhor forma de valorizar as atividades dos alunos.

Assim, compreendemos a importância de dar a liberdade para que os alunos construam seus textos de forma espontânea, de maneira que o professor não se preocupe com a ortografia, só assim haveria motivação por parte dos alunos no processo de aprendizagem da escrita, uma vez que, todos os alunos um dia terão maturidade para auto se corrigirem e aperfeiçoarão sua ortografia sentindo-se valorizado pelos professores. Para Pérez e Garcia (p. 49): *"É evidente que o domínio do código escrito permite ter acesso às informações e aos conhecimentos*

gerados pela ciência, pela arte, por outras pessoas mas, sobretudo, permite explorar as próprias idéias e gerar idéias novas."

É necessário que o aluno aprenda a ortografia, mas isso não significa que o professor fique insistentemente controlando as formas ortográficas, todas às vezes que for ensinar o aluno a escrever o que pensa. O excesso de preocupação do professor com a ortografia do aluno pode desestimulá-lo, destruindo assim o discurso lingüístico.

Além da escrita, a escola deve desempenhar um papel fundamental na formação do discente. Como afirma Cagliari (1997, p. 148) "*A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler de que saber escrever*". Nesta formação é fundamental o despertar da leitura emocional, sensorial e racional.

O reforço a essa idéia é evidenciado por Martins (1994, p. 36-37):

Todavia, propondo-se a pensá-lo perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura os quais são possíveis de visualizar como níveis sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere.

Portanto, o propósito é compreender a leitura tentando desmistificá-la por meio de uma abordagem despretensiosa, mas que permita avaliar aspectos básicos do processo, dando margem a se conhecer mais o próprio ato de ler,

sendo que esses aspectos se relacionam com a própria existência, incitando a fantasia, o conhecimento e a reflexão acerca da realidade. Para Martins (1994, p. 38) "*Se a leitura tem mais mistério e sutilezas do que a mera decodificação de palavras escritas, tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar*". Assim o ato de ler ultrapassa a decodificação de letras, decifração de palavras. Antes de a criança freqüentar a escola ela já ler o mundo que a cerca, de uma certa forma ela, a criança, está inserida num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler.

Segundo Cagliari (1997, p. 169):

Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar.

Neste contexto, o professor precisa trabalhar a leitura com a criança de forma prazerosa dando tempo a criança para que ela faça o reconhecimento das letras. Para Pérez e Garcia (p. 49) "*a leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações*". Assim, se faz necessário refletir como a leitura está sendo apresentada e sugerida na escola, é necessário também, refletir a respeito do que estamos lendo e como lemos cotidianamente. É preciso que as crianças entendam o significado das palavras no contexto em que elas aparecem. É necessário que as crianças tenham sempre contato com os livros para isso é fundamental também que a escola sendo um dos lugares privilegiados de acesso a leitura, mantenha uma biblioteca com bons livros, de bons autores e que

também seja utilizado de maneira correta. Essa utilização seria um subsídio na solução do problema relacionada a leitura. Os alunos entrando em contato com bons autores desde as primeiras leituras conseqüentemente adquirirão o hábito de ler.

Segundo Soares (1998, p. 19):

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação de condições de convívio social e de interação.

Assim, a escola tem papel fundamental no estímulo a leitura. Muitas vezes é através dela que acontece o primeiro contato com o livro, sendo indispensável tornar este momento o mais agradável possível para despertar a curiosidade de conhecer este mundo mágico. A escola deve oferecer espaços específicos para a leitura – biblioteca, sala de leitura, dentre outros – oferecer também bons livros, jornais, revistas e vídeos, para que eles possam usufruir desse acervo.

Sobre este assunto, vejamos o que diz Teberosky e Colomer (2003, p. 162):

O uso da biblioteca apresenta às crianças as diferentes funções do escrito em nossa sociedade. Faz com que saibam que podem utilizar os livros para adentrar em uma história, recrear-se nas palavras de um poema ou saber informações sobre a vida dos animais.

Nesta perspectiva vemos a importância do livro. É essencial que a escola não se preocupe apenas a ensinar o aluno a ler é fundamental que ela também o ensine a gostar de ler.

Muitos professores, se apegam a cartilha no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula. Segundo Oliveira (1997, p. 69) "*As escolas continuam, assim, a serviço de um projeto de desqualificação de professores e alunos, pela via do fracasso escolar, expropria a maioria da população do direito de ler e escrever*".

É preciso mudar as práticas de ensino da leitura e da escrita. As escolas em suas práticas para o ensino da língua, utilizam as cartilhas como objeto de leitura nas salas de aula. O livro didático que é tanto utilizado pelas escolas públicas, tem sido pivô (não só ele) na falta de interesse pela leitura por parte dos alunos, uma vez que, nestes livros o que vemos são amontoados de frases sem sentido e que de certa forma desestimulam as crianças, não despertam nelas o interesse para o hábito da leitura.

De acordo com Silva e Zilberman (1998, p. 112-113):

Compreendida dialeticamente, a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade, em conjunto, repartida em segmentos diferentes ou composta de indivíduos singulares, se relaciona ativamente com a produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem, sejam estas gestuais, visuais ou verbais (oral, escrita, mista, audiovisual). Neste caso, a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor.

A leitura sem dúvida alguma facilita a conscientização das massas, através da descoberta, elaboração e difusão do conhecimento, contribuindo assim para a evolução da sociedade. Para Silva (1981, p. 42) "*Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda a própria vida do ser humano*".

Ainda segundo Silva (1981, p. 42) as funções da leitura estão explicitadas da seguinte forma:

- *E através da leitura que o homem conhece o patrimônio histórico cultural deixado pelo seu antepassado por meio da escrita;*

- *A leitura contribui de forma significativa para o sucesso acadêmico do indivíduo. Porém é necessário que aconteça um processo de alfabetização adequado para que não haja situações frustradoras da aquisição do currículo escolar;*

- *E através da leitura que o ser humano interage com o seu semelhante. Ela é um dos principais recursos existentes na sociedade capaz de formar uma massa crítica e consciente;*

- *A partir da leitura crítica e consciente acontece um enfraquecimento de acesso do ser humano aos meios de comunicação que não requer uma educação formal para a sua recepção. O livro continua sendo o veículo mais importante para a criação, transmissão e transformação da cultura;*

- *A leitura possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista, como também amplia experiências, tornando-se importante meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem. É através da leitura que acontece um ato de compreensão do mundo.*

Para Silva (1981, p. 41):

Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico é sempre a encarnação de uma intencionalidade e por isso mesmo, "sempre reflete o humano". Daí a necessidade de um enfoque mais específico sobre os aspectos da comunicação humana, inerente à leitura.

Sabemos que a nossa cultura não privilegia o livro como um instrumento de conhecimento e ampliação da cultura. Quando começamos a ler questionamos o porque de tanta exclusão, de tantas diferenças. Assim os livros são essenciais para a mudança, inclusive culturais, pois o prazer de ler, de opinar será um ato voluntário de sempre se manter atualizado.

2.1 - A prática do ensino da leitura e da escrita nas salas de aulas

Dentre as diversas dificuldades que circundam o ambiente escolar, a leitura e escrita estão tendo maior destaque no que diz respeito a preocupação de todos os envolvidos com o compromisso de educar e formar cidadãos críticos e conscientes em um mundo que cada dia requer das pessoas habilidades cada vez mais superiores.

Pensar as dificuldades dos professores no processo de ensino da leitura e da escrita nas escolas hoje tem assumido papel de destaque, uma vez que, são tarefas de fundamental importância a serem desenvolvidos pela escola.

Para superação das dificuldades relacionadas a leitura e a escrita, Ferreiro (1995, p. 30 e 31), chama atenção para a forma como as crianças estão tendo contato com estas habilidades, afirmando que:

É útil se perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar. Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. Há práticas que levam a pensar que "o que existe para se conhecer" já foi estabelecido, como um conjunto de coisas fechado, sagrado, imutável e não modificável. Há práticas que levam o que o sujeito (a criança neste caso) fique de "fora" do conhecimento, como expectador passivo ou receptor mecânico, sem nunca encontrar respostas aos "porquês" e aos "para quês" que já nem sequer se atreve a formular em voz alta.

A grande maioria das pessoas acredita que a criança aprende somente mediante a um ensino sistemático, ao qual o que é privilegiado no ensino da escrita são apenas técnicas de transição. Reforçando esta idéia, Ferreiro (1995, p. 38 e 39), ainda diz que:

A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal. A criança recebe informações dentro mas também fora da escola, e essa informação extra-escolar se parece à informação lingüística geral que utilizou quando aprendeu a falar. É informação variada, aparente, desordenada, as vezes contraditória, mas é informação sobre a língua escrita em contextos sociais de uso, enquanto que a informação escolar é freqüentemente informação descontextualizada.

Este tipo de prática escolar do ensino da escrita e transforma em objeto escolar, assim sendo torna o professor único informante autorizado a reproduzir as técnicas do ensino. O professor, neste caso, tem um papel através do qual ele é visto como o único na sala de aula a saber ler e escrever, as crianças não têm vez, voz, nem experiência. Assim a leitura e a escrita nas escolas têm sido tradicionalmente vistas como objeto de uma instrução sistemática, uma vez que para ser ensinada envolve uma série de exercícios com habilidades específicas, fortalecendo a idéia de que esses procedimentos determinam os passos na progressão da aprendizagem.

Quatro anos após a publicação de Reflexos sobre alfabetização, Emília Ferreiro publica "Com todas as letras" e nesta publicação volta a falar da prática tradicional que a escola, em especial, os professores insistem em manter nas escolas, práticas estas que ao nosso ver contribuem de forma significativa para o fracasso dos alunos em relação à aprendizagem da leitura e da escrita. Segundo Ferreiro (1999, p. 19):

A ênfase praticamente exclusiva na cópia, durante as etapas únicas da aprendizagem (...) faz com que a escrita se apresente como um objeto alheio a própria capacidade de compreensão. Está ali para ser copiado, reproduzido, porém não compreendido, nem recriado.

Assim, as práticas que os professores podem oferecer aos alunos em relação a leitura e a escrita é segundo Kleiman (1998, p. 16):

(...) a cópia maçante até a mão doer, de palavras da família do do, 'Dói o dedo do Dudu', a procura cansativa, até os olhos arderem, das palavras com o dígrafo que deverá ser sublinhado naquele dia, a correria desesperada até o dono do bar que compra o jornal

aos domingos, para a família achar as palavras com a letra j. Letras, sílabas, dígrafos, encontros consonantais, encontros vocálicos, 'dificuldades' imaginadas e reais substituem o aconchego e o amor para essas crianças, entrvando assim o caminho até o prazer.

Não podemos, porém, atribuir o fracasso na aprendizagem da leitura e da escrita apenas às práticas exercidas pelos professores, pois sabemos que a realidade das escolas é bem mais penosa. Dos diversos empecilhos no ensino da lectoescrita, citaremos alguns que são fatores concretos no dia-a-dia das escolas. Ora, os professores estão diante de muitas dificuldades, como por exemplo: salas de aula superlotadas, baixa remuneração, como também o pouco apoio intelectual que recebem.

Além disso, o que dispõem os professores para sua prática pedagógica? São cadernos, manuais ou cartilhas que lhes propõem atividades pré-programadas, a serem administradas e respondidas mecanicamente.

A escola ignorou a escrita como objeto social, transformando-a em objeto exclusivamente escolar. Para Ferreiro (1999, p. 21):

A escola se converteu em guardiã desse objeto social que é a língua escrita e solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito cego diante desse objeto, que não se propõe como um objeto sobre o qual se pode atuar, mas como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente sem modificá-lo.

Neste tipo de prática exercida pela escola, vemos que o aluno deve respeitar à forma das letras reproduzindo-as fielmente, fazendo-nos pensar que só

se aprende algo por meio da repetição, da memorização, da cópia de modelos e da mecanização.

Assim, percebemos que estas práticas só reforçam o fracasso escolar das crianças, acompanhado de uma certa recusa do livro, do material escrito e conseqüentemente da leitura, tornando os alunos em não escritores e em não leitores em formação. Segundo Gomes (2002, p. 24): "(...) aprender a ler e escrever (...) é muito mais de que adquirir habilidades básicas. É principalmente construir, obter e atribuir sentido e significado a aprendizagem".

Há vários tipos de prática de leitura que inibem a formação de leitores, práticas estas que a escola sustenta, legitima e perpetua Kleiman (1998, p. 17), descreve como:

Uma prática bastante comum no livro didático considera os aspectos estruturais do texto como entidades discretas que têm um significado e função independentes do contexto em que se inserem uma visão dessa prática, revelada na leitura gramatical, é aquela em que o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações.

O leitor inserido neste tipo de prática, torna-se passivo, aceitando a contradição e a incoerência, tornando-se dificilmente um leitor crítico e coerente.

A leitura como decodificação, também está enquadrada na prática que inibe a formação de leitores, dando lugar as leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. Vejamos o que diz Dalla Zen (1997, p. 27), sobre a forma como é desenvolvida a leitura em sala de aula:

Ao que parece, pelas condições em que se desenvolve, professor e alunos não têm operado com a idéia de que a leitura é um processo de interação entre leitor e texto e que nesse encontro a história de ambos se diferenciam.

A prática da sala de aula, como vemos não propicia a interação entre professor e aluno. O que deveria ser um discurso construído entre o professor e aluno, transforma-se em outra leitura mecânica, sem objetivos definidos. Para Silva (2002:60) "(...) a prática da leitura é uma atividade fundamental e determinante para a formação de um bom leitor e escritor".

A prática da leitura em sala de aula deveria ser pautada na compreensão, no entendimento do aluno. Para compreender um texto se faz necessário a interação entre aluno e professor sobre aspectos relevantes do texto. Assim, seria interessante que o professor aproveitasse o conhecimento prévio do aluno, e investisse na sua criatividade.

É preciso repensar o papel do professor. Assim, Kramer (1986, p. 35), informa que:

Há muitas e diversas formas do papel do professor (competente e consciente) se manifestar na escola, e elas não são possíveis de rótulos ou categorizações enganosas. É preciso porém, identificar que formas são essas, expandi-las e fornecer as respostas às indagações ("em que pontos eu pego?") para o conjunto dos professores que no seu dia-a-dia lutam por ensinar as crianças a ler, escrever e contar.

Para isso, se faz necessário investir na formação do professor, oferecer condições de trabalho, como também oferecer apoio intelectual, administrativo e pedagógico para sua atuação profissional. A escola necessita conquistar

condições e formas de trabalho de forma que viabilize sua função social transformadora, propiciando ao que a freqüentam, o acesso aos diversos tipos de linguagem e ao saber historicamente produzido.

2.2. - Algumas contribuições para a melhoria no ensino da leitura e escrita nas escolas.

Para superação das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita se faz necessário modificar a forma como a criança é introduzida neste processo, uma vez que, essa aprendizagem é posta como uma atividade, sem sentido, através do qual são levadas em consideração predominantemente as práticas tradicionais de ensino nas quais as cartilhas são usadas como recurso primeiro nas salas de aula. É preciso mudar estas práticas vigentes nas escolas. É preciso dar sentido ao processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Para Dalla Zen (1997, p. 130), é preciso:

Investigar e compreender a pluralidade de experiência que os alunos têm fora da escola, valorizar a aprendizagem cooperativa habitual entre eles, respeitar os estilos de aprender são metas que poderiam se construir nem excelente meio de articulação entre experiências de escola e de vida.

No ensino da leitura e da escrita o professor precisa levar em consideração as questões acima expostas. É preciso que o processo de ensino-

aprendizagem da leitura e da escrita tenha sentido para os alunos envolvidos. O professor precisa partir do conhecimento prévio do aluno, precisa saber o que o aluno traz para a escola, para depois elaborar o seu plano de ação para o ensino destas habilidades tão complexas.

Relacionado as atividades que devem ser em sala de aula Teberosky e Colomer (2003, p. 78) diz que:

O professor, tem (...) a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobrem um jogo de participação ativo, rico em relações sociais: atividades de leitura e de escrita compartilhados, situações de discussão e argumentação... elementos essenciais para a co-construção do conhecimento.

Neste contexto, percebemos que as crianças adquirem conhecimentos através de atividades que envolvam a interação entre as crianças, ou seja, através de trabalhos realizados num processo de aprendizagem rico em relações sociais.

No processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita, o professor precisa investir em textos produzidos espontaneamente pelos alunos. Falsarella (1986, p. 139), afirma que "(...) é preciso que a professora aprenda a interpretar os 'erros' cometidos. Analisando a produção do aluno, a professora vai propor a reescrita do texto, investindo não só na ortografia mas também na transmissão de idéias na construção". A partir do momento que o professor investe na produção dos alunos, ele está também investindo na sua aprendizagem. O aluno que constrói textos espontâneos, está ao mesmo tempo lendo, escrevendo e aperfeiçoando a sua escrita.

Ao falar das atividades que devem ser desempenhadas na sala de aula para o desenvolvimento da leitura e da escrita Kramer (1986, p. 183), sugere que os professores devam:

(...) fazer jogos com os nomes das crianças, propor atividades em que são justapostos objetos, figuras e revistas, desenhos e as palavras que correspondem a tais objetos; registrar por escrito acontecimentos relatados pelas crianças; escrever no canto do seu desenho, o que dizem que fizeram, anotar estórias inventadas pelas crianças, sugerindo que as escrevam e ilustrem graficamente; colocar os nomes das coisas da sala (a parede, a cadeira, o quadro, a janela etc), tantas outras coisas situações em que seja valorizada a produção infantil. Sobretudo, é fundamental garantir a convivência sistemática e contínua das crianças com textos, livros, bilhetes (...), todos e quaisquer materiais escritos que lhes possam favorecer entendimento de "para que serve o saber ler e escrever".

Todas estas propostas facilitam a aprendizagem da leitura e da escrita nos alunos, uma vez que, através destas ocorre sistematicamente a interação entre aluno e texto. O aluno em meio a estas atividades percebe qual a função da leitura e da escrita em determinadas situações.

É importante que haja diversos portadores de textos no ensino da leitura e da escrita. a escola, porém, necessita ter a roupagem da escrita onde os alunos estejam o todo instante envolvidos nas palavras. Assim, vejamos o que diz Ferreiro (1999, p. 33), sobre como deve ser a sala de alfabetização:

Em cada classe de alfabetização deve haver um "canto ou área de leitura" onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc). Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças ou diferenças e para que o professor, a lê-los em voz alta, dê

informações sobre "o que se pode esperar de um texto" em função da categorização do objeto que o veicula.

É preciso que o professor use variados textos no ensino da leitura e da escrita. o uso de diferentes textos além de facilitar a aprendizagem do aluno, facilita também o trabalho do professor uma vez que o aluno pode perceber os diferentes usos da língua escrita, suas funções e aumentar o seu vocabulário. Para Kleiman (1998, p. 67), *"Daí ser também razoável propor o ensino de vocabulário como maneira de criar as condições para o leitor iniciante ir aumentando o conjunto de palavras que reconhece instantaneamente, sem necessidade de decodificação"*.

Assim, vemos a importância do ensino está direcionado ao enriquecimento do vocabulário do aluno. Esta atividade é importante uma vez que aumenta o número de palavras conhecidas do aluno.

Apesar de tantas discussões acerca das dificuldades de aprendizagem da leitura, de tantas discussões acerca dos métodos a serem utilizados pelos professores, se o tradicional ou construtivista, sabemos que o sujeito em detrimento da forma do método, é ele quem aprende. O método não tem sentido nenhum, se através dele não atingir a aprendizagem do indivíduo. Assim, fica clara a necessidade de construir situações de aprendizagem, observando a forma pela qual o aluno encara os problemas diários da sala de aula e junto a ele buscar alternativas e soluções.

3. Procedimentos Metodológicos

Na realização desta proposta optamos pela pesquisa exploratória, porque de acordo com Gonsalves (2001, p. 65):

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivos de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.

Além disso, um estudo deste porte deixa brechas para outros realizarem estudos sobre o tema, oferece dados elementares dando suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

Quanto aos procedimentos e fontes de informações, optamos pela pesquisa de campo, porque ainda segundo Gonsalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Neste caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre-ou-ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Segundo a natureza dos dados optamos pela pesquisa qualitativa devido à necessidade que temos em compreender, interpretar o fenômeno

levando em conta o sentido que os outros dão às suas práticas, impondo ao pesquisador uma abordagem hermenêutica.

Nesse estudo a população-alvo constitui-se de cinco professoras atuando nas séries iniciais. Das professoras que participaram do estudo, quatro ingressaram no ensino público através de concurso e um através de contrato. Três professoras têm a formação pedagógica, uma tem o 3º grau completo e uma tem o 3º grau incompleto. Todas as professoras recebem um salário entre R\$ 260,00 a R\$ 350,00, e todas já participaram de outros programas de estudo relacionados à leitura e a escrita. Esta amostra foi selecionada porque detectamos, através de suas falas, a deficiência em sala de aula em relação ao ensino da leitura e da escrita.

O espaço onde se deu este estudo foi a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura, que fica na cidade de Serra Grande - Paraíba. A referida escola tem sua estrutura física formada por oito salas de aula, uma sala de vídeo, uma secretaria, uma cantina, três banheiros e um pátio. Atendendo a uma demanda de 385 alunos nos turnos da manhã e tarde, conta com um corpo docente composto por vinte professores, sendo que oito atuam da 1ª a 4ª série e os demais, de 5ª a 8ª série. Na escola em estudo há planejamento bimestral com os professores.

Apesar da escola possuir um acervo bibliográfico, ela não tem espaço disponível para organizar uma biblioteca, como também não percebemos um

ambiente rico em letramento, uma vez que quase não se vê cartazes, ou qualquer outro material escrito em suas dependências.

O instrumento de coleta de dados usado neste estudo foi o questionário porque de acordo com Barros e Lehfeld (1990, p. 70), "[...] a escolha pela aplicação do questionário diz respeito ao custo. O questionário custa menos do pesquisador do que as entrevistas".

Após a análise do questionário realizamos oito encontros, com duração de quatro horas, em cada encontro discutimos as seguintes temáticas: Compreendendo o compreender das crianças, a respeito da língua escrita: um mergulho no cotidiano das séries iniciais; A concepção escolar da leitura: porque o meu aluno não lê?; A leitura em sala de aula; Como levar o aluno a compreender o que lê; A escrita na sala de aula: Vivências e possibilidades; A língua escrita como objeto da aprendizagem; Aspectos qualitativos da alfabetização; As condições sociais de acesso à leitura. A partir das temáticas, as professoras puderam refletir sobre as suas práticas, relataram suas experiências, preocupações e anseios acerca dos temas em estudo.

4. Concepções e Práticas dos Professores no Ensino da Leitura e Escrita

4.1. - Como os professores estendem e vivenciam a leitura e a escrita no cotidiano escolar

Este trabalho tem a pretensão de analisar as respostas emitidas pelas professoras das séries iniciais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura, localizada na cidade de Serra Grande - PB, ao descrever como ensinam a leitura e a escrita, bem como as dificuldades enfrentadas para trabalhar a leitura e a escrita nas supracitadas séries.

Inicialmente abordamos a questão da metodologia utilizada pelas professoras para o ensino da leitura, as professoras responderam de forma bastante diversificada, evidenciando metodologias diferenciadas, ficando suas respostas divididas da seguinte maneira: todas as professoras entrevistadas, responderam que no ensino da leitura a metodologia utilizada por eles é leitura oral e a leitura coletiva. Uma professora da amostra das cinco entrevistadas afirmou usar, também a leitura silenciosa; duas das cinco entrevistadas também usam a leitura individual em sala de aula.

Considerando as respostas das professoras sobre esta questão evidencia-se o processo de ensino-aprendizagem da leitura, da forma como as professoras afirmam que vem sendo trabalhada e, dependendo da frequência em que ocorre, pode contribuir de forma satisfatória para o desenvolvimento do ato de ler. Assim, concordamos com Silva e Zilberman (1998, p. 112 e 113), quando dizem que:

(...) a leitura coloca-se como um meio de aproximação cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor.

Desta forma, se a leitura é vista como um meio de aproximação entre o ser e a produção cultural, essa aproximação pode contribuir de forma satisfatória para o acúmulo de conhecimento por parte do indivíduo que lê. Mantém uma interação constante entre o indivíduo e a produção cultural escrita, além de favorecer o hábito da leitura dos alunos possibilitando também a ampliação do conhecimento.

Quando formulamos a pergunta como avaliam a metodologia utilizada por elas, para trabalhar leitura e escrita com seus alunos, quatro das docentes entrevistadas, responderam que consideram satisfatória, enquanto que, apenas uma respondeu ser pouco satisfatória.

Assim, as respostas das referidas professoras podem ser justificadas nesta citação de Ferreiro (1995, p. 31), "*Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e objeto dessa*

aprendizagem". As professoras exercem suas práticas da forma como acreditam que vão atingir seus objetivos. Como não são neutras, trazem em si uma carga de significados que influencia no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nas práticas escolares. É preciso que no exercício dessas práticas, o professor perceba que os alunos são capazes de pensar e construir seus próprios conhecimentos e interpretações, cabendo ao docente apenas aprimorar e despertar o ensino crítico dos alunos. Vale salientar ainda que a avaliação satisfatória dos docentes em relação à sua metodologia pode indicar que estão pouco disponíveis para mudanças.

Na pergunta relativa aos tipos de recursos textuais que as professoras entrevistadas utilizam para o ensino da leitura e escrita, todas as cinco entrevistadas responderam utilizar recortes de jornais e figuras para ensino da leitura; quatro delas responderam que trabalham com literatura infantil e músicas; três das cinco docentes responderam que utilizam o livro didático; uma das professoras afirma utilizar gibis, revistas, contos para trabalhar a leitura e a escrita com seus alunos; uma das docentes entrevistadas utiliza textos narrativos para o ensino da leitura e da escrita.

As respostas das professoras demonstram que a aprendizagem da leitura se dá mediante o uso de variados textos. A aprendizagem da leitura, desta forma facilita, por sua vez, a aprendizagem das crianças em relação à língua escrita, uma vez que as respostas enunciadas revelam a utilização de materiais diversos como: recortes de jornais, literatura infantil, músicas, gibis, revistas,

contos e etc. Além disso, a partir do uso destes recursos os professores podem despertar o gosto do aluno pela leitura.

Porém, sabemos que é essencial que o trabalho desenvolvido pelos professores esteja vinculado a um contexto, é preciso que haja a compreensão, por parte do aluno, do que está sendo lido. Para entendermos melhor nos reportamos a Kramer (1986, p. 19), quando a autora afirma que:

(...) para o domínio efetivo da leitura e da escrita, é preciso, existir a compreensão de que a linguagem escrita tem um aspecto simbólico (as palavras representam, significam, querem dizer coisas, sentimentos, idéias), mas é preciso haver também aquisição dos mecanismos básicos desse código, do contrário não se lê e não se escreve. (...) Essa compreensão de significado não só pode como também deve ser trabalhada na produção e utilização direta de materiais e textos escritos (jornais, livros, cartas, bilhetes, álbuns, cartazes).

Como vemos, o trabalho desenvolvido pelas professoras investigadas no ensino da leitura parece estar sendo bem encaminhado, uma vez que, afirmam utilizar na sua prática da sala de aula variados textos. O posicionamento que as docentes assumem frente a esses materiais pode estar favorecendo significativamente para o domínio da leitura e da escrita dos seus alunos.

Abordamos ainda sobre as atividades desenvolvidas para trabalhar a escrita. Quatro das cinco professoras entrevistadas responderam utilizar o treino ortográfico e a cópia. Vale salientar que das quatro que responderam utilizar treino ortográfico e a cópia, uma destas, respondeu que também utiliza a produção

textual para trabalhar a escrita e uma das cinco professoras afirmou utilizar apenas a produção textual.

Diante do exposto, podemos notar que a maioria das professoras investigadas, ainda utiliza na sua prática pedagógica o treino ortográfico e a cópia como atividade central no ensino da escrita, confirmando o que diz Ferreiro (1995, p. 38). *"(...) a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizado a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal"*.

Esse tipo de prática, já não tem mais espaço na escola. O professor precisa revê-las e perceber que não é ele o único que sabe e que pode fazer alguma coisa na sala de aula. Permitir que os alunos construam seus próprios textos seria uma atividade interessante e criativa.

Na última questão objetiva perguntamos as professoras se a situação econômica influencia na aprendizagem dos seus alunos. A maioria das professoras entrevistadas, ou seja, quatro docentes respondeu que sim, enquanto que apenas uma respondeu que a situação econômica não influencia na aprendizagem dos seus alunos.

Para aquelas professoras que responderam afirmativamente a justificativa de duas das cinco professoras entrevistadas foi a seguinte:

Influencia bastante, pois um aluno com fome não consegue aprender, ou seja, não tem uma aprendizagem satisfatória. Outra que demonstra esta influência é o que diz respeito ao acesso a materiais como livros, bibliotecas, internet, pois sabemos que a classe popular vê na leitura uma busca para uma vida melhor "emprego", e isso dificulta muito a aprendizagem do mesmo,

enquanto que a classe média alta além de ter acesso a bons livros etc. Vêem na leitura uma fonte de prazer e lazer, o que facilita e muito a sua aprendizagem. (Professora D)

Um dos fatores que contribuem para a aprendizagem da criança é a alimentação, conseqüentemente ela desenvolverá mais do que uma criança mal alimentada. (Professora C)

Como vimos, duas das cinco professoras entrevistadas apontam como pivô do fracasso na aprendizagem a situação econômica dos alunos e em especial a falta de alimentação. Para elas uma criança com fome não tem condições de ter uma boa aprendizagem. Relacionado a este assunto Resende (2002, p. 101), afirma que:

A constatação de que a criança imatura para a alfabetização é quase sempre a criança de nível socioeconômico baixo possibilitou a elaboração de uma outra explicação para o fracasso escolar, denominada teoria da carência cultural. Essa perspectiva aponta nas crianças das camadas populares, as mais variadas deficiências de alimentação, de habitação, de bens materiais, de prestígio social, de afetividade, de estimulação verbal. Em decorrência dessas "privações", essas crianças apresentariam deficiências em fatores cognitivos importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Assim, percebemos que devido as suas precárias condições de vida, os alunos são considerados, pelas docentes como os principais responsáveis pelo seu fracasso, as docentes esquecem, portanto, de analisar o processo escolar e social em que estão inseridos esses alunos.

Além da alimentação foi apontado também, a importância de diversos recursos para o desenvolvimento da aprendizagem. Percebemos através da justificativa dada que elas têm conhecimento das representações sociais que a

classe popular tem em relação a escola, de um modo geral e em particular da leitura, quando dizem que *"a classe popular vê na leitura uma busca para uma vida melhor"*. De certa forma a leitura representada desta forma ao invés de facilitar apenas dificulta a aprendizagem, uma vez que o interesse vincula-se à ascensão social, melhoria de vida, busca de emprego e não à aprendizagem, à aquisição e ampliação de conhecimentos. Quando a leitura é vista como *"uma fonte de prazer e lazer"*, a aprendizagem torna-se mais autêntica, mais fácil, mais prazerosa.

A justificativa dada pela professora que afirma que a situação econômica não influencia na aprendizagem dos seus alunos foi a seguinte: *"Não porque tem alunos com situação econômica baixa e isso não impede na aprendizagem"*.
(Professora B)

Sabemos que os casos de fracasso escolar atingem mais as crianças vindas das camadas populares. Portanto, é preciso que o professor empreenda todos os esforços para trabalhar com seus alunos na busca da superação desse contexto, uma vez que os recursos são escassos, as políticas públicas educacionais não estão sendo feitas com seriedade, nem muito menos por pessoas sérias que tenham em seu plano um Brasil mais justo. A luta por melhores condições de trabalho deve fazer parte dessa busca

Na questão subjetiva referente às dificuldades encontradas para desenvolver o processo da leitura e escrita, das cinco professoras entrevistadas, duas relacionam as dificuldades à falta de atenção dos alunos, três destas atribuem-na à falta de compromisso dos pais de alunos, e uma das cinco

professoras, atribuiu as dificuldades ao comportamento dos alunos em sala de aula.

Assim, percebemos que as professoras, na sua totalidade, não consideram a si, nem a escola, responsáveis pelo fracasso escolar de seus alunos. Isto se percebe quando vemos nas respostas de algumas professoras, que as próprias crianças são consideradas culpadas pelo seu fracasso, na medida em que apresentam problemas de ordem psicológica e emotiva que inviabilizaram seu bom desempenho na escola. Quando três das professoras entrevistadas focalizaram os pais como principais responsáveis pelas dificuldades encontradas em sala de aula, demonstram que estas professoras reclamam pela presença dos pais na vida dos seus filhos (alunos). Segundo Gomes (2002, p. 9):

esses educadores continuam (...) depositando no aluno toda a "culpa" pela não aprendizagem da leitura e da escrita sem que o processo escolar e social em que estas são produzidas seja levado em conta pelos educadores, sobretudo das escolas públicas.

Relacionando as dificuldades de aprendizagem atribuídas pelas professoras aos pais de alunos, remetemo-nos mais uma vez ao que diz Gomes (2002, p. 14), segundo ele: "(...) a escola ainda não percebe as dificuldades são de ensino e aprendizagem, que entre crianças de camadas populares e escola existe uma relação arbitrária cultural. (...)" Porque atribuir a culpabilidade somente aos alunos e pais de alunos? Percebe-se a importância de repensar às práticas de ensino da leitura e da escrita em detrimento da permanente culpabilização destes sujeitos pelo fracasso do ensino.

Quanto às concepções em relação à leitura, as professoras responderam o seguinte:

Leitura é compreensão, entendimento, imaginação, criatividade...
(Professora D)

Saber ler não é apenas ler o que está escrito, sabemos que existem vários tipos de leitura, saber ler é entender o que a mensagem transmite. (Professora C)

É a aprendizagem. Porque quanto mais se ler mais aprendemos.
(Professora B)

É o maior compromisso que exerce um professor para com seus alunos e vice-versa. (Professora E)

É o compromisso que temos com os alunos e com nós mesmos.
(Professora A)

Vemos nas respostas das professoras grande diversidade, demonstrando as diferentes visões do que seja leitura para estas professoras. No entanto, duas professoras demonstram compreender que a leitura deve ser entendida como uma prática social. Quando estamos lendo pomos em ação nossos sistemas de crenças, valores, nossa visão de mundo, ou seja, refletimos neste ato a nossa forma de socialização primeira. A leitura nas palavras de Martins (1999, p. 25) "*seria a ponte para o processo educacional eficiente proporcionando a formação integral do indivíduo*".

Quando indagados sobre suas concepções do que seja a escrita, duas das cinco docentes responderam que "*a escrita é a apresentação gráfica das palavras*". Assim vista, Ferreiro (1994, p. 14) faz uma importante colocação:

Ao concebermos a escrita como um código de transcrição que converte as unidades sonoras em unidades gráficas, coloca-se em primeiro plano a discriminação perspectiva nas modalidades envolvidas (visual e auditiva). Os programas de preparação para a leitura e a escrita que derivam esta concepção centram-se, assim, na exercitação da discriminação sem se questionarem sobre a natureza das unidades utilizadas.

A autora acrescenta ainda que “se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica” (p. 16). Referente a esta mesma questão duas das professoras entrevistadas relacionam a escrita ao desenvolvimento da leitura. Para elas a “escrita é a palavra chave para iniciar a leitura”.

Analisando as respostas enunciadas perceberemos uma certa dificuldade no que concerne ao conceito. Vemos o que diz Cagliari (1997, p. 112): “A escrita seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, e cultural”. O conceito de escrita vai muito além do que pensam as professoras entrevistadas. Percebemos, portanto, nos depoimentos uma certa ausência, de uma base teórica mais sólida a respeito da escrita.

No que se refere ao item que trata do papel da leitura nos dias atuais, das cinco professoras entrevistadas uma respondeu que o papel era de “aprofundar os conhecimentos”. Assim, percebemos que para esta professora a cada leitura feita é acumulado um novo conhecimento. “Maneira de entender o mundo” foi a resposta dada por outra professora, quando indagada sobre esta mesma pergunta; para outra professora a leitura nos dias atuais tem o papel de “formar leitores com hábitos científicos”, outra professora respondeu que seu papel seria

“formar cidadãos” e outra professora afirmou que o papel da leitura nos dias atuais “é o mais importante dentro da luta de professor e aluno englobando a família. Porque sem leitura não conseguimos concluir (alcançar) nossos objetivos que sonhamos” (Professora A).

Encontramos, portanto, uma diversidade de respostas. Algumas das professoras demonstram, no entanto, um entendimento de que a leitura hoje teria um papel conscientizador das massas, seria também um meio de aproximação do indivíduo com a produção cultural, com a realidade. Há também um entendimento de que a leitura é hoje o caminho para se chegar ao conhecimento e à cidadania, tornando-se o público leitor mais crítico. Segundo Soares (1998, p. 19), na sociedade ocidental:

Atribui-se a leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e a sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições social e de interação.

Através da leitura, tornamos nossos conhecimentos mais sólidos, como também fortalecemos nossas interações com nossos semelhantes uma vez que, podemos através dos conhecimentos adquiridos pelas leituras debater, criticar, fornecer e receber informações, numa troca rica e prazerosa culturalmente.

Quando interrogadas sobre o papel da escrita nos dias atuais, das cinco docentes entrevistadas, uma respondeu que seu papel é “registrar histórias”, uma outra professora respondeu que era formar cientificamente bons escritores; uma das cinco professoras não respondeu a pergunta, a resposta das outras duas

professoras não nos possibilitou entendimento do que ela realmente quis dizer.

Vejamos suas respostas:

Assume também um papel fundamental já que leitura e escrita andam juntas. Uma depende da outra. (Professora D)

A escrita também é importante, pouco importa você ler e não praticá-la, da mesma forma é a escrita, se não praticarmos iremos ficar a sentir dificuldades. (Professora E)

Analisando as respostas dadas, percebemos que em uma das professoras há um certo entendimento com relação a escrita, uma vez que uma das funções seria registrar a memória, a história de um povo. Porém, vale salientar que a escrita não pode nem deve, restringir apenas a registros. A escrita é de fundamental importância para a humanidade. A escrita serve de lembrete para algo esquecido, a escrita transmite informações, a escrita serve para nos comunicarmos.

É importante mostrar as crianças às funções sociais da escrita. Na maioria das escolas, a escrita se apresenta como um objeto em si, importante somente dentro da escola, uma vez que é usada para regular a promoção ao ano escolar seguinte. A escola deveria fazer com que as crianças vejam a importância da escrita. Enfim, a escrita deve ser apresentada a elas como algo importante e prazeroso.

A partir do exposto podemos considerar que, face a questão central formulada nesse estudo, as admitem uma diversidade de metodologias para

trabalhar o ensino da leitura. Isto poderá ser um aspecto que converge para um ensino de melhor qualidade.

Afirmam ainda as professoras que o ensino da leitura e da escrita, se dá através do uso de variados textos. De acordo com o pensamento das professoras, a vivência com textos variados, sejam eles escritos, verbais e não verbais, poderão contribuir para o domínio da leitura e da escrita. Porém, se faz necessário ser trabalhado num contexto. Sendo assim, as dificuldades encontradas pelas professoras podem estar relacionadas a não contextualização destes instrumentos utilizados.

De acordo com a metodologia exposta pelas professoras a permanência na reprodução da escrita, através do treino ortográfico e da cópia, sem que o aluno possa viajar na sua imaginação, pode ser um outro fator efetivo da dificuldade do aluno no ensino aprendizagem da escrita.

Abordando a questão das dificuldades encontradas pelas professoras para trabalhar a leitura e a escrita, as docentes apontaram como fator de dificuldade a falta de atenção dos alunos e o seu comportamento inquieto em sala de aula, como também a ausência dos pais quanto ao acompanhamento das atividades escolares dos filhos. Porém, em momento algum demonstraram estar preocupados quanto ao questionamento de suas práticas.

O discurso das professoras quanto ao ensino da leitura mostra-se bem elaborado, no entanto, talvez sua prática não esteja coerente com esse discurso uma vez que são inúmeras as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e

aquisição da leitura pelos alunos. Em relação à escrita, as docentes não a conceituaram de forma clara. Daí, questionamos: Ora, as docentes não conseguem conceituar o que é escrita como poderão suscitar em seus alunos uma reflexão sobre este processo, sobre seus usos sociais? No entanto, para as professoras o papel da leitura e da escrita nos dias atuais é de fundamental importância na formação integral dos indivíduos.

4.2 Reflexões sobre a leitura e a escrita

Esta análise tem por objetivo discorrer sobre os encontros realizados com as professoras da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura, na cidade de Serra Grande-PB, sobre a temática ensino da leitura e escrita.

Tais encontros tiveram como objetivo despertar as professoras para uma reflexão acerca de suas práticas no cotidiano da sala de aula, referente ao ensino da leitura e da escrita.

As atividades do Estágio Supervisionado foram iniciadas com um encontro entre estagiárias e professoras que participaram da coleta de dados. Apresentando o projeto mais detalhadamente, discutimos, entre outros, um texto de Ângela Vieira de Alcântara e outros, intitulado "Compreendendo o compreender

das crianças. A respeito da língua escrita. Um mergulho no cotidiano das séries iniciais”, com o intuito de favorecer as professoras uma maior aproximação com o trabalho a ser desenvolvido.

Ao prosseguirmos as discussões em torno de como estão sendo desenvolvidos a ensino da leitura e da escrita na sala de aula pudemos observar que as professoras demonstram uma certa preocupação ao tratar o tema. Para a maioria das docentes, os alunos não demonstram interesse pelas atividades propostas em sala de aula.

As professoras reconheceram que estão enfrentando momentos difíceis na educação, afirmando não compreender o que está acontecendo, como podemos observar na fala dessas professoras:

- *Eu já fiz de tudo né, eu fiz tudo e não deu certo*. (Professora A)

- *Eu também já fiz de tudo, mais tem que ver a questão no sentido de que a gente tem que está sempre buscando, refletindo*. (Professora B)

Portanto, sabemos que não é a questão de fazer tudo, tem que parar para refletir, como bem frisa a fala da professora B. Diante da postura dessas professoras apontamos, assim, o fato de que, segundo Ferreiro (1999, p. 32): “o trabalho da professora é crucial na identificação da natureza das dificuldades que se apresentam, (...)”.

Realizamos, ainda discussões acerca de “como levar o aluno a compreender o que lê”. Em geral, os professores defendem a necessidade de

afetividade na relação professor/aluno. Reconhecer nos alunos um ser concreto e não abstrato como estão sendo tratados hoje nas escolas, o resgate dos valores que foram sendo gradativamente esquecidos e que têm contribuído para a desestruturação familiar, foram questões bastante discutidas neste encontro.

Enfim, as professoras enfocaram também a importância de começar a trabalhar a partir da leitura de mundo. Isso é possível observar na fala dessas professoras:

- É, o professor também por não ser preparado para a leitura de mundo, para procurar de início vê o que o aluno trazia para a escola, para poder oferecer um programa adequado. (Professora C)

- O professor só repassa, repassa e as vezes deixa de procurar o conhecimento do aluno onde na maioria das vezes a gente tem que entender que o aluno quando chega na escola, ele tem sua leitura de mundo, ele já sabe alguma coisa, ele já tem sua história. (Professora D)

Portanto, as professoras parecem compreender que desde cedo o ser humano começa a fazer a leitura de tudo que o cerca, e através dela estabelece as relações, compreende os significados. Esta questão é abordada por Boff (1997, p. 9), quando diz:

(...) cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam (...). Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo (...). Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: Como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, e em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

Prosseguimos os encontros, discutindo a temática "A leitura em sala de aula", com o objetivo de analisar a forma como este processo está sendo trabalhado na escola, bem como se as referidas leituras levam o aluno à reflexão.

Ao contrário do que foi anunciado no questionário, as professoras consideram que não estão desempenhando de forma satisfatória o ensino da leitura em sala de aula, pois segundo elas o ensino da leitura deveria ser desenvolvido de forma prazerosa. Vejamos seus depoimentos:

- É uma leitura cansativa, tudo seguindo a atividades sem sentido, atividades mecânicas, tortuosas de decifração, tirando o prazer da leitura. (Professora E)

- Aquela leitura enfadonha e extensa, leitura que desestimula a criança, e, conseqüentemente tira o prazer de ler, são leituras que não atraem a criança. (Professora C)

Partindo das verbalizações das docentes, podemos inferir que da forma como vem sendo trabalhada a leitura em sala de aula, não tem como atrair os alunos para que se tornem bons leitores. Nessa perspectiva para Silva e Zilberman (1998, p. 113):

(...) o ensino da leitura nas escolas brasileiras vão de mal a pior. Eis por que é imprescindível o estabelecimento e a expansão do chamado "espaço de contradição" dentro da escola e das aulas de leitura, a fim de se defrontarem posturas e metodologias esclerosadas e inócuas com outras propostas de encaminhamento e orientação da leitura, embasadas teoricamente e viabilizadas politicamente pelos professores.

Outra questão que pode está dificultando o trabalho de leitura com os referidos docentes pode está relacionado à forma como eles se relacionam com a

leitura, porque para se ensinar a ler é necessário que gostem de lê. Em depoimento uma professora proferiu a seguinte frase: “- O pior é isso, eu nunca gostei de ler, nem gosto de ler” (Professora C).

Se o professor não gosta de lê, então como fazer o seu aluno gostar de lê? Abordando esta questão Kleiman (1998, p. 15), diz o seguinte: “(...) a própria formação precária de um grande número de leitores, lendo no entanto, que ensinara ler e a gostar de ler para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”.

Pudemos constatar, pelos depoimentos, que nas condições em que vêm se desenvolvendo a leitura nas escolas, em particular nas salas de aula, não percebemos um contexto propício a melhoria do ensino da leitura na escola. Da forma como vem sendo desenvolvida, o aluno não é levado a questionar, refletir, a gostar de ler.

Ao termino das discussões sobre como vem sendo desenvolvida a leitura em sala de aula, observou-se que esse processo é marcado pelo desestímulo. Nesse sentido, concluiu-se que as professoras deveriam buscar fontes que possam contribuir para subsidiar a sua prática de ensino de modo a contribuir de maneira significativa para uma boa formação de leitores.

Prosseguindo as discussões apresentamos o tema: “As condições sociais de acesso a leitura”. Nesta questão refletimos acerca das condições de leitura vivenciadas pelos alunos e professores, sendo enunciados os seguintes depoimentos:

- As condições são bastante precárias, pois não dispomos de bibliotecas nem de jornal e nem revistas, eles têm contato apenas com o livro didático, quando solicitados algum material, eles trazem. (Professora E).

- Falta de material de leitura, profissionais com formação precária quanto a leitura, falta de incentivo da própria escola. (Professora C).

As professoras afirmaram utilizar diversos recursos textuais, e denunciam serem precárias as condições de acesso a leitura oferecidas aos alunos, sendo que as reclamações recaem na falta de incentivo das escolas, que não dispõem de bibliotecas, nem mesmo de material para trabalhar a leitura. O material oferecido é somente o livro didático, que se apresenta como único recurso para desenvolver a leitura em sala de aula. Faz-se necessário, portanto, refletir sobre o seu uso no ensino da leitura e da escrita. Para as professoras:

- Essa questão das cartilhas é um problema sério, pois tem muito pouco conteúdo que é de interesse dos alunos. Nós professores temos que procurar outras fontes de conhecimentos que seja da realidade dos mesmos, para conseguir atraí-los. (Professora B)

- Observei que o mesmo é composto de textos sem sentido, e cópias longas onde só ensina sons, ou seja, a decodificação mecânica de fonemas. (Professora A)

Todas as professoras apontaram o livro didático como principal instrumento utilizado na sala de aula para o ensino da leitura, no entanto dependendo da postura da docente frente a este recurso, ele pode tornar-se um recurso atraente. Neste item, encontramos outra contradição com relação as respostas das professoras, quando em uma das questões objetivas, as docentes

na sua maioria afirmaram utilizar recortes de jornais e figuras para o trabalho com leitura e escrita e apenas três das cinco entrevistadas afirmaram utilizar o livro didático e agora nestes encontros todas as professoras afirmam utilizar o livro didático como único recurso para desempenhar as atividades referente a leitura e a escrita. Mesmo assim, as professoras poderiam ser mais dinâmicas proporcionando outros recursos textuais através de bilhetes, cartas, histórias em quadrinhos, etc. é importante que os professores ofereçam condições para que os alunos entrem em contato com diversos portadores de textos. A opção pelo uso das cartilhas é descrito por Kramer (1986, p. 39), portando os seguintes riscos:

O risco da cartilha – camisa-de-força e ponto de chegada do trabalho escolar; o risco da cartilha-senso-comum que não sistematiza, não faz avançar o conhecimento nem favorece o progressivo domínio das especificidades da língua.

É importante enfatizar que a cartilha tem contribuição limitada no processo de ensino, portanto, é preciso que o professor saiba como utilizá-las para que não incorra aos riscos supracitados, ou seja, para que seja um recurso ao ensino no próprio uso que dela faz o professor. É preciso que o professor reconheça que a cartilha deve ser usada como recurso, meio e não fim último do trabalho.

Dando continuidade aos trabalhos relacionados à temática em estudo discutimos o tema "A escrita em sala de aula. Vivências e possibilidades", no intuito de refletir a importância de trabalhar a produção textual com os alunos. Partindo desse objetivo as professoras enfatizaram mais uma vez, através de suas

falas, as dificuldades sentidas pelos alunos em relação à aprendizagem da leitura e escrita. Isso é possível observar na fala dessa professora: “- *Uma criança não tem ainda auto-determinação para dar conta de cuidar de uma tarefa difícil como é ler e escrever*” (Professora A).

Sabemos que escrever não é fácil, principalmente para as crianças, sobre essa questão Cagliari (1997, p. 99), adverte que:

Mesmo que a criança tenha um contato freqüente com livros, revistas, que seja adultos e crianças mais velhas lendo e escrevendo, o trabalho sistemático de escrita e leitura durante a alfabetização se coloca como algo novo, um desafio.

Quanto ao trabalho dos docentes utilizando a produção textual com seus alunos pedimos que relatassem algumas experiências. Vejamos algumas:

- *Sabe o que foi que eu fiz um dia desses: eu botei os meninos para ler um texto de geografia, depois eu disse: produzam um texto (...). Então quando eles viajaram na imaginação deles e produziram o texto deles, contando a história que estava naquele texto, mas com as palavras deles, eu achei que fosse muito mais viável.* (Professora C)

- *Sabe o que eu estou fazendo com os meus alunos. Eu estou trabalhando produção de texto. Eu faço assim: ou levo cinco, seis dicionários para sala, aí eu digo: Olhe, produção de textos, o tema é esse aqui, agora tem o seguinte os dicionários estão aqui, a medida que vocês vão me perguntar uma palavra se escreve com isso, ou com isso, vocês vão atrapalhar o raciocínio dos seus colegas... o dicionário tá aqui, dúvida de acentuação... pegue o dicionário, porque trabalhando assim eles vão aprender a não receber as coisas prontas e acabadas e a ter responsabilidade.* (professora D).

Como podemos observar nos relatos das professoras as atividades de produção textual desempenhadas da maneira como vem sendo, pode tornar-se

desastrosa, uma vez que pode tornar o desenvolvimento das habilidades da escrita destituídos de prazer. Porém, seria interessante se as crianças escrevessem o que quisessem, como quisessem. O professor neste tipo de tarefa deveria, portanto, orientar quanto à forma do que se vai ser escrito, um cartaz, uma história, um bilhete, por exemplo. A produção e leitura de textos desenvolvidos em sala de aula necessitam obrigatoriamente estar ligada a uma seqüência planejada de atividades, com finalidades definidas, requerendo escritas, leituras e reescritas, como também uma avaliação do que foi produzido.

Muitas práticas relacionadas a língua escrita estão ligadas apenas a mera reprodução, além disso, espera-se que o aluno, ao escrever, reproduza o que tem nos livros. Além disso, o professor se empenha muito em fazer exigências aos alunos, priorizando aspectos relacionados à forma da escrita. Constatamos isso nas palavras dessas professoras:

- A gente tem que habituar o aluno a escrever legível, ter uma letra mais organizada. Porque tem aluno que tem uma letra que sinceramente nem ele mesmo entende. (Professora E)

- Porque é que eu peço que eles façam do livro para o caderno? É justamente por isso, para eles melhorarem a ortografia e a caligrafia, porque eles não tem ortografia nem caligrafia. (Professora B)

- Eu acho que o livro nesse caso aí tá servindo para ele, está servindo de enfeite pra ele aprender a escrever legível, porque a gente não vai também exigir que o aluno faça uma letra perfeita, toda desenhada, mais pelo menos que tenha uma letra que dê para a gente entender, para que quando qualquer pessoa pegar o caderno e vê o que está escrito nele. (Professora D)

Como vimos, as professoras dão muita ênfase à ortografia e à organização da escrita dos alunos. Consideramos este fator como empecilho para

a produção espontânea dos alunos. As professoras ao invés de se preocuparem com a ortografia dos discentes deveriam preocupar-se mais com as idéias expressas nas produções, com a criatividade do aluno.

Em outra ocasião ao discutirmos a temática "Aspectos qualitativos da alfabetização", foram abordados alguns elementos causadores do sucesso escolar. A partir dessa discussão foram elencadas pelas professoras alguns fatores:

- Contato direto com os livros, acompanhamento dos pais, leitura no aconchego do colo da mãe ou do pai, estórias antes de dormir, apoio da parte administrativa de todos os que fazem a educação. (Professora C)

- Primeiro o acompanhamento dos pais, segundos o compromisso dos professores e dos alunos. (Professora D).

- Uma escola bem estruturada que disponha de material didático professores qualificados, biblioteca, espaço físico para que a criança possa ter aulas recreativas e se sintam a vontade, merenda escolar, etc. tudo isso torna ao atrativo e desperta o interesse pelos estudos. (Professora A)

- Pais que tenham compromisso com os filhos e com a escola, alunos que busquem na leitura e escrita, sonhos de dias melhores. (Professora B)

Sabemos que o sucesso escolar depende de fatores como os que foram relatados na fala das professoras. Sabemos também que para que o sucesso escolar dos alunos aconteça depende muito do professor, do aluno, da instituição escolar e também das práticas pedagógicas. No entanto, as professoras em sua maioria, ainda atribuem maior responsabilidade aos pais por uma tarefa que é,

cada vez mais de responsabilidade da escola, especialmente quando se refere às classes populares.

Outra questão discutida nos nossos encontros diz respeito "A língua escrita como objeto da aprendizagem", vimos que as escolas se apropriam desse mecanismo de modo que ele deixa de ser social e transforma-se em objeto exclusivamente escolar. Tida, desta forma, omite as suas funções extra-escolares. Assim como é importante na escola é preciso também que seja considerada importante fora da escola. Porém, são muitos os professores que sem uma base teórica, obrigam seus alunos desenvolverem-na, sem ao menos explicar o que é escrita e para que serve. Vejamos os depoimentos destas professoras sobre as atividades, referente a escrita.

- Você quer que ele pronuncie a palavra corretinha na alfabetização. As vezes até os alunos, os bichinhos choram, aguniados aí, sem aprender com medo daquilo ali que nunca viu, com medo daquele 'bicho' que nunca viu e a gente insistindo. (Professora E)

- ... Colocava o menino para escrever um monte de vezes, colocava para escrever até embaixo. (Professora B)

As professoras até percebem as dificuldades dos alunos. Porém, desenvolvem uma atividade cansativa com o objetivo apenas obter a decodificação, habilidade estas que não despertam o senso crítico, que não despertam a criatividade dos alunos. Segundo Ferreiro (1999, p. 22): "o ensino neste domínio continua apegado às práticas mais envelhecidas da escola tradicional,

aqueles que supõe que só se aprende algo através da repetição, da memorização da cópia reiterada de modelos, da mecanização”.

Apresentamos ainda o tema: “A concepção escolar da leitura e escrita”. Nesta questão refletimos acerca da necessidade de oferecer variados textos no trabalho com a leitura e escrita na sala de aula.

As professoras enfocaram a importância da convivência com a leitura e a escrita tanto na vida escolar quanto na vida extra-escolar dos alunos em particular das crianças. No discurso desta professora percebemos o valor que ela atribui a estas habilidades: “- *Conviver com a leitura é uma vivência única do ser humano, quer dizer unicamente do ser humano de ser criado pelo criador. Foi o único que teve o privilégio de conviver com este instrumento”* (Professora D).

Por ser uma vivência única do ser humano tanto a leitura quanto a escrita devem ser trabalhadas, com responsabilidade, com mais criatividade. É necessário que o professor seja dinâmico nesta tarefa.

Em seguida, refletimos sobre o papel da leitura e da escrita nos dias atuais, no decorrer das discussões foram enunciadas as frases:

- O papel da leitura é fazer com que a gente conheça melhor o mundo em que vivemos, e também é importante para expressarmos melhor e o papel da escrita, também é importante serve para colocar, a leitura em prática. Porque com a escrita a gente está aprendendo escrever e ler ao mesmo tempo. (Professora E)

- É justamente fazer com que o aluno tome gosto e prazer pela leitura só assim, se tornará um sujeito capaz de compreender e questionar o verdadeiro sentido do que é leitura. Se o aluno é um

bom leitor com certeza ele também será um bom escritor, pois é a partir da leitura que aprende a escrever bem. (Professora D)

- Criar cidadãos críticos e conscientes. (Professora C)

A leitura e a escrita devem ser desenvolvidas de forma que realmente forme o senso crítico dos alunos, tornando-os pessoas conscientes, fator importante na vida de qualquer cidadão. Mesmo assim, o que nos deixa tristes no momento é que uma prática de qualidade no ensino da leitura e da escrita ainda esteja um pouco distante de sua concretização.

No decorrer de todos os encontros, percebemos o quanto o discurso das professoras é elaborado. Porém, nem sempre há coerência entre os discursos, assim como entre estes e as práticas. Assim, interrogamos: será que as suas práticas destas docentes são realmente inovadoras?

5. Considerações Provisórias

A partir dos resultados obtidos e analisados através desse estudo podemos considerar que as professoras demonstraram embasamento teórico sobre a leitura. No entanto, *que apesar disso elas ainda sentem dificuldades* ainda sentem dificuldades no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Acadêmico Francisco Vidal de Moura na cidade de Serra Grande - Paraíba.

As professoras da referida escola, demonstraram a todo instante preocupações a respeito do tema. Percebemos especialmente através dos depoimentos emitidos nas reuniões de estágio que um dos fatores que pode estar comprometendo a eficácia do processo de aquisição da leitura e da escrita é a prática docente, uma vez que as professoras afirmaram desenvolver de forma não satisfatória o ensino destas habilidades. Segundo elas próprias, suas atividades são desempenhadas mecanicamente, o que de certa forma retira o prazer de aprender por parte dos alunos.

Durante os encontros foram constantes as lamentações por parte das professoras em relação às dificuldades encontradas no ensino da leitura e da escrita. Todas as professoras apontaram como dificuldades para suas práticas a

falta de interesse dos alunos, falta de bibliotecas, jornais, revistas, como também a formação profissional precária para lidar com o ensino da leitura e da escrita.

Diante das dificuldades apontadas por eles, o que podemos sugerir como contribuição para amenizar tantas dificuldades é que elas busquem fontes que possam contribuir de maneira significativa para uma boa formação de leitores e escritores. Apontamos também como alternativa que a escola busque uma maneira de incentivar intelectualmente seu quadro de professores de forma que os habilite para melhor desempenhar suas funções em sala de aula no tocante ao ensino da leitura e da escrita. Promover na escola cursos e estudos entre docentes, que enfoquem aspectos acerca da leitura e da escrita seria um bom passo na busca de melhorias.

Apesar das contribuições supracitadas, sabemos também das dificuldades financeiras que passam as escolas de um modo geral e os professores em particular, uma vez que ambos recebem pouco apoio por parte das autoridades competentes. *No em de se* Sendo assim, fica certo que para as dificuldades existem também soluções, o que falta são pessoas sérias que administrem o dinheiro público em prol da sua verdadeira finalidade.

É preciso, ainda, que para o ensino da leitura e da escrita, os professores tenham objetivos bem definidos para desempenhar melhor suas práticas.

Assim, esperamos que a partir do nosso trabalho com as professoras da referida escola, sejam elaborados questionamentos e reflexões acerca do

ensino da leitura e escrita de forma a viabilizar práticas alternativas direcionadas ao alcance do sucesso escolar dos alunos no que se refere a aquisição dessas habilidades.

Quanto às dificuldades encontradas no desenvolvimento deste trabalho, desde o início dos trabalhos, encontramos obstáculos que precisavam ser superados, dentre vários deles, citaremos alguns por serem considerados os mais pertinentes e difíceis de amenizá-los: Dificuldades financeiras, dificuldades de acesso a referências teóricas que são pouco disponíveis na biblioteca do campus, dificuldades de transporte, dificuldades em reunir os professores e dificuldades em redigir um trabalho desta natureza, especialmente no que se refere à articulação entre os dados e as teorias. No entanto, apesar de nos depararmos com tantas dificuldades, consideramos importante o estudo realizado, uma vez que nos possibilitou conhecer novas referências teóricas, como também novos aspectos dentro da temática em estudo, favorecendo-nos uma reflexão em nossa prática profissional. Além disso, o acesso aos relatos das professoras também foi importante. Logo, esperamos que este trabalho além de nos possibilitar reflexões tenha também suscitado nos colegas docentes participantes do estudo uma reflexão sobre suas práticas.

Referências

ALCÂNTARA, Ângela Vieira de *et al.* **Compreendendo o compreender das crianças a respeito da língua escrita: um mergulho no cotidiano das séries iniciais.** In: <http://www.filologia.org.br/anais%20v10.04.htm>

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e produção: desvelando e (re)construindo textos.** João Pessoa: UFPB, 2000.

BENCINI, Roberta. **Como levar o aluno a compreender o que lê.** São Paulo: Revista Nova Escola, março/2003.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos, **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Artmed, 1997.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização.** 24ª ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana (orgs). **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1991.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Dificuldades de aprendizagens na alfabetização.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 6ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1998.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização: Dilemas da prática.** Rio de Janeiro: Dois pontos ed. Ltda, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Anne Marie Milon, **A formação de professores alfabetizados: Lições da prática.** In GARCIA, Regina Leite. **Alfabetização dos alunos das classes populares: Ainda um desafio.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O inteligível, o interpretável e o compreensível.** In: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.). **Leitura perspectiva interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1998.

PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos. **A alfabetização como meio de recriar a cultura**. In: Ensinar ou aprender a ler e a escrever? PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos (org.). Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura**. São Paulo: Cortez 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN Regina. **Pedagogia da leitura: movimento e história**. In ZILBERMAN, Regina e SILVA, Theodoro Ezequiel da (orgs). *Leitura perspectivas interdisciplinares*, São Paulo, Ática, 1998.

SILVA, Maria Cristina da. **Saberes e dizeres deferentes de crianças que “fracassam” na escola**. In: GOMES, Maria de Fátima Cardoso. *Dificuldades de aprendizagem na alfabetização*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda Becker. **As condições sociais da leitura: Uma reflexão em contraponto**. In ZILBERMAN, Regina e SILVA, Theodoro Ezequiel da (orgs). *Leitura perspectivas interdisciplinares*, São Paulo: Ática, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever: Uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

ANEXOS

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Campus de Cajazeiras
Curso: Pedagogia – VII Período
Disciplina: Supervisão III
Professora: Elzanir Santos
Alunas: Francisca das Chagas de Sousa
Luzenira Duarte de Sousa

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Caro(a) professor(a), o objetivo deste trabalho é solicitar informações suas, por escrito, em relação às dificuldades sentidas por vocês e seus pares, no processo de ensino da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Estas informações serão úteis na análise deste estudo.

Assim sendo, pedimos sua colaboração com respostas claras, pois de suas respostas depende o sucesso do nosso trabalho, uma vez que, o resultado final desta pesquisa será a elaboração de uma proposta de estudo junto a vocês, acerca do tema.

Questionário

1. Que metodologia você utiliza no ensino da leitura

- Oral Silenciosa
 Coletiva Individual
 Outros. Explícite: _____
-
-

2. A metodologia que você utiliza para trabalhar leitura e escrita com seus alunos é considerada:

- Satisfatória Muito satisfatória
 Pouco satisfatória Totalmente satisfatória
 Insuficiente

3. Quais os tipos de textos que você trabalha no ensino da leitura e escrita:

- Literatura infantil Lendas
 Livros didáticos Recortes de jornais
 Gibis Figuras
 Revistas Músicas
 Contos Textos narrativos
 Outros. Explícite: _____
-
-

4. Que recursos metodológicos você utiliza para trabalhar a escrita

- Produção textual
 Treino ortográfico
 Cópia
 Outros. Explícite: _____
-
-

5. Você acha que a situação econômica influencia na aprendizagem dos seus alunos?

() Sim

() Não. Explique: _____

6. Que dificuldades você encontra para desenvolver o processo de leitura e escrita?

7. O que é leitura para você?

8. O que é escrita?

9. Qual o papel da leitura nos dias atuais?

10. Qual o papel da escrita nos dias atuais?

1ª PAUTA

Temática:

- Compreendendo o compreender das crianças. A respeito da língua escrita. Um mergulho no cotidiano das séries iniciais.

(Ângela Vieira de Alcântara; Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes; Cócis Alexandre dos Santos Balbino)

Objetivos:

- Analisar as condições de leitura nas séries iniciais;
- Identificar os elementos causadores do fracasso escolar;
- Refletir sobre o uso das cartilhas como objeto essencial no ensino da leitura.

Estratégias:

- Texto para a reflexão (O que teimamos em não ver, Celso Antunes, p. 21);
- Apresentação do material para o estudo;
- Estudo dirigido da temática;
- Debate e relato de experiências relacionados ao texto;
- Avaliação.

2ª PAUTA

Temática:

- Como levar o aluno a compreender o que lê.

(Roberta Bencini)

Objetivo:

- Identificar estratégias de como estimular os alunos a sempre trocar idéias a partir de um texto lido.

Estratégias:

- Dinâmica;
- Apresentação do material para o estudo;
- Leitura coletiva da temática;
- Discussão do texto em estudo.

3ª PAUTA

Temática:

- A leitura em sala de aula.
(Mirian de Albuquerque Aquino)

Objetivos:

- Analisar como estão sendo feitas as leituras em sala de aula;
- Observar se as leituras feitas em sala de aula estão levando o aluno a reflexão.

Estratégias:

- Leitura do texto proposto na temática;
- Debate sobre o texto lido;
- Estudo dirigido.

4ª PAUTA

Temática:

- As condições sociais de acesso a leitura;
(Magda Becker Soares)
- Valores atribuídos a leitura;
- A importância da leitura;
- O papel da leitura na vida discente.

Objetivos:

- Identificar as condições de leitura vivenciadas pelos professores;
- Compreender a importância da leitura;
- Analisar o papel da leitura nos dias atuais.

Estratégias:

- Apresentação do material;
- Música Gabriel Pensador (Estudo errado);
- Leitura coletiva e discussão do texto proposto na temática.

5ª PAUTA

Temática:

- A escrita na sala de aula: Vivências e possibilidades.
(Beatriz Helena Marão Citelli e Robson Marques Ivanhoé)

Objetivo:

- Perceber a importância da produção textual dos alunos.

Estratégias:

- Leitura do texto em estudo;
- Comentários gerais sobre o texto;
- Estudo dirigido;
- Texto para reflexão. (O que é a chuva, Celso Antunes, pág. 85)

6ª PAUTA

Temática:

- Aspectos qualitativos da alfabetização;
(Emília Ferreiro)
- Os objetivos da alfabetização inicial.

Objetivos:

- Identificar as funções da leitura e escrita;
- Perceber que através da leitura crítica se manifesta toda a produção humana.

Estratégias:

- Leitura da temática;
- Debate em torno dos pontos principais da temática;
- Avaliação do encontro.

7ª PAUTA

Temática:

- A língua escrita como objeto da aprendizagem.
(Emília Ferreiro)

Objetivos:

- Analisar a forma como a criança domina a escrita;
- Possibilitar reflexões acerca das dificuldades enfrentadas pelos professores no âmbito da leitura e escrita.

Estratégias:

- Leitura do texto proposto na temática;
- Conversa informal sobre o texto;
- Identificação das palavras chave do texto.

8ª PAUTA

Temática:

- A concepção escolar da leitura. Por que meu aluno não lê?
(Ângela Kleiman)

Objetivos:

- Analisar como estão sendo feitas as leituras em sala de aula;
- Observar se as leituras feitas em sala de aula estão levando o aluno a reflexão.

Estratégias:

- Leitura do texto proposto na temática;
- Debate sobre o texto lido;
- Estudo dirigido.